



XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI  
27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

## CONCEPÇÕES DAS PROFESSORAS DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO COM FOCO EM CRIANÇAS DOS CENTROS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

**Daiana Rabock Steiner**  
daiana.rabock@terra.com.br  
Univille

**Aliciene Fusca Machado Cordeiro**  
aliciene.machado@hotmail.com  
Univille

**Agência financiadora:** Capes

**Eixo temático:** Educação e Infância

**Resumo:** Este trabalho apresenta dados parciais da dissertação de mestrado que tem como objetivo investigar a concepção de professoras da Educação Infantil sobre infância, aprendizagem e desenvolvimento e como essas concepções relacionam-se com o seu trabalho no Atendimento Educacional Especializado (AEE). Entende-se a infância como construção social (SARMENTO, 2000;2005) e a criança como um sujeito histórico e de direitos (KRAMER, 1997). Articula-se esses conceitos com a perspectiva da educação inclusiva nos Centros de Educação Infantil (CEIS). Os procedimentos metodológicos que nortearam a investigação a definem como pesquisa qualitativa usando a análise de conteúdo (FRANCO, 2012) para a interpretação dos dados. A coleta de dados se deu através da entrevista semiestruturada com cinco professoras da educação infantil que atuam no AEE da rede municipal de Joinville. Os resultados parciais obtidos permitem perceber uma urgência em reconhecer a infância como um processo histórico e cultural e não como uma categoria natural e aponta os desafios e possibilidades do trabalho docente colaborativo na educação infantil.

**Palavras-chave:** Atendimento Educacional Especializado. Educação Infantil. Educação Especial. Infância. Trabalho docente.

### 1. Introdução

Ao serem consideradas as necessidades de se ampliar as investigações que aprofundem o tema da educação infantil em interface com a educação



inclusiva, somadas à urgência em compreender a infância em sua condição histórica e social, tornou-se primordial uma discussão acerca das concepções que se tem das especificidades da infância e da criança nesse contexto. Assim, com base na concepção de criança como sujeito histórico e de direitos e da infância como categoria social, a pesquisa que está em andamento tem como principal objetivo investigar a concepção de professoras da Educação Infantil sobre infância, aprendizagem e desenvolvimento e como essas concepções relacionam-se com o seu trabalho no Atendimento Educacional Especializado.

A fim de contribuir e fundamentar teoricamente a investigação, apropriou-se de modo mais específico de autores que discutem a infância e a educação inclusiva. Entre eles Sarmiento e Pinto (1997) e Kramer (1997), os quais evidenciam as discussões da infância na modernidade e traçam um panorama histórico essencial para o entendimento dos conceitos relacionados à temática. Para abarcar a educação inclusiva nesse contexto, cita-se Baptista (2013) que aponta a educação infantil como um dos desafios atuais no campo da educação especial.

Ao pesquisar as concepções e o trabalho das professoras do AEE, muitos desafios e possibilidades se apresentaram. Este artigo traz análises parciais da investigação e discute a relação das concepções com a prática do docente do AEE na educação infantil: atendimentos, acompanhamentos, orientação e projetos desenvolvidos com as crianças que frequentam os CEIS. Os dados traduzem a intencionalidade do processo educativo e revelam as concepções presentes na prática das profissionais. Pensar sobre essas concepções coloca-se como uma prática de respeito à criança e a infância, pois elas orientam as ações pedagógicas e efetivam as relações entre todos os sujeitos que interagem no meio educativo da educação inclusiva.

A seguir, serão elencadas algumas considerações referentes à metodologia proposta e a participação dos sujeitos de pesquisa. No tópico



seguinte à metodologia será apresentada uma breve discussão sobre os resultados parciais da pesquisa.

## **2. Metodologia**

Para viabilizar o estudo desenvolvido, optou-se pela pesquisa de cunho qualitativo que conforme André (1999) tem o foco da investigação centrado na compreensão dos significados atribuídos aos sujeitos às suas ações. O quadro de sujeitos foi composto privilegiando como critério de seleção o levantamento dos dados fornecidos pela pesquisadora Cleide Hoffmann Bernardes (2014) que pesquisou 34 professoras do AEE da rede municipal de Joinville.

Diante disso, foram selecionadas cinco professoras do AEE que atuam com a faixa etária de 4 a 5 anos na educação infantil. Para a coleta de dados, privilegiou-se um roteiro de entrevista semiestruturada. As entrevistas foram realizadas na segunda quinzena de novembro e na primeira quinzena de dezembro de 2014. Para auxiliar nas discussões e análises dos dados, buscaram-se contribuições em alguns princípios da análise de conteúdo (FRANCO 2012).

Deste modo, segue no próximo tópico a apresentação e discussão dos dados de pesquisa, onde se realizam análises parciais das informações obtidas com as entrevistas.

## **3. Discussão e análise dos dados**

Analisando as falas das professoras pesquisadas, percebe-se que elas demonstram uma concepção de criança naturalizada e pronta para vivenciar as situações específicas da infância, como por exemplo, brincar, de maneira pura e livre de preconceitos. Na narrativa das professoras do AEE a criança é: “um ser



puro, livre de qualquer malícia e preconceito”, “alguém que está aberto”, “bem diferente de nós, a nós tudo assusta e a criança não, ela não tem esse medo, esse preconceito”. Da mesma maneira é tratada a infância dessa criança, que é reconhecida pelas professoras como: “não ter responsabilidade, poder infringir regras, sem ser punido”, “tempo para experimentar o mundo na forma que ela tem vontade”, “um momento da vida do ser humano em que ele mais aprende”. Desse modo, enfatizam-se nas respostas infâncias homogêneas e desprendidas do caráter histórico e social evidenciado pelas teorias.

Diante das respostas, é fundamental destacar que a criança e a infância possuem significados distintos (SARMENTO E PINTO,1997), mas ambas são determinadas pela sua dimensão histórica e social, ou seja, distante de algo natural e intrínseco, como relatado pelas professoras pesquisadas. Dessa forma, pode-se inferir as concepções que podem orientar as práticas pedagógicas das professoras do AEE na educação infantil pautam-se na aprendizagem da criança como algo simples e dado, ou seja, pronto, revelando uma concepção inatista do processo de aprendizagem na infância. Os riscos dessa concepção são discutidos por Rego (1998, p. 57):

A abordagem inatista promove uma expectativa significativamente limitada do papel da educação para o desenvolvimento do sujeito, na medida em que considera o desempenho individual dependente de suas capacidades inatas. O processo educativo fica assim na dependência de traços comportamentais ou cognitivos inerentes ao aluno. Desse modo, essa perspectiva acaba gerando um certo imobilismo e resignação provocados pela convicção de que as diferenças não serão superáveis pela educação.

É possível perceber isso nas falas das professoras pesquisadas sobre como a criança aprende: “a criança sempre aprende o que é de interesse dela”, “sendo criança é sempre na brincadeira”, “toda criança aprende sozinha”, “a criança aprende através das próprias descobertas”, “tudo aonde ela vive tem uma aprendizagem”, “a criança aprende brincando, sem aquele compromisso, sem aquela responsabilidade”. Nessa perspectiva, pode-se elencar também nessas concepções o que as entrevistadas compreendem sobre o contexto da



educação infantil: “na educação infantil é ainda mais fácil do que na escola, porque lá é muita estimulação, muita brincadeira, muito lúdico, muito recorte, muita colagem, é o tempo inteiro aquilo”, “a educação infantil já é um espaço bem rico, então vai mais de usar estratégias, porque recursos e estímulos já tem bastante”.

Todas essas constatações entrelaçadas fazem emergir alguns questionamentos e uma compreensão parcial de que na educação infantil todas as crianças, com ou sem deficiência, estão aprendendo e vivenciando a sua infância alegremente, o espaço está organizado de acordo com as necessidades das crianças e as ações desenvolvidas são baseadas no lúdico e na brincadeira. Sendo assim, vê-se que não há distinção sobre as diversas possibilidades e maneiras que as infâncias estão sendo narradas e vividas, e é ausente o questionamento sobre o papel do professor de AEE frente a essas infâncias e qual relação entre teoria e prática está sendo privilegiada nesse contexto.

A criança, e principalmente a criança com deficiência, diferente do que foi exposto, nem sempre está aberta a tudo, demonstra curiosidade ou expõe suas necessidades. Então, refletindo sobre a criança enquanto ser histórico e social, acredita-se que ela aprende na relação com os outros e com o meio em que vive, modificando-o e sendo modificada por ele, em uma relação dialética. Por isso, o professor, como adulto mais experiente, é parceiro desse processo de aprendizagem e tem a função de ensinar, orientar e auxiliar as crianças com o objetivo de possibilitar a sua aprendizagem e desenvolvimento. Logo, se há uma crença de que as crianças estão “prontas” e o espaço também, para que serve o trabalho do professor? Que lugar ocupa o adulto mais experiente nesses atos, já que a criança aprende sozinha?

Entretanto, algumas professoras destacam nas narrativas que as crianças possuem direitos e que elas deveriam ter esses direitos garantidos pela escola e pela família. Sendo assim, explicita-se nas falas que o discurso político sobre a criança e a infância está de acordo com suas necessidades,



mas nem sempre é cumprido na prática. Esse desvelamento antagônico aponta para a contradição

entre ter seus direitos garantidos na infância e ter uma infância naturalmente feliz. Para buscar garantir esses direitos entende-se que é necessário desconstruir uma concepção de infância naturalizada, que compreende o desenvolvimento da criança, segundo Rego (1998, p. 57), “realiza-se segundo leis próprias, sendo, portanto, um processo endógeno que independe de conhecimentos, da sua experiência e da sua cultura” e discutir acerca do modo como essas concepções relacionam-se com o trabalho docente na educação infantil, como se pretende neste trabalho.

Contudo, entende-se que essa análise tem de considerar a constituição histórica em que as narrativas das professoras foram construídas, e assim compreender a origem dessa condição naturalizada e abstrata que se destaca em suas falas, buscando entender a dificuldade das profissionais em definir a criança e a infância.

#### **4. Considerações finais**

As informações obtidas indicam que as professoras do AEE na educação infantil têm uma visão de criança “ideal”, ou seja, capaz de passar pelo período da infância sem conflitos e com a aprendizagem garantida. As respostas evidenciam também que as professoras conhecem os direitos das crianças e apresentam preocupação com a aprendizagem da criança com deficiência, o que se mostra como algo positivo, embora seja contraditório com a ideia que narram sobre criança.

Sendo assim, alguns desafios se apresentam na presente pesquisa através das concepções apresentadas pelas professoras, entre eles: observar as inquietações frente as contradições presentes nos conceitos de criança e infância e a superação das concepções que vinculam a criança a um caráter



natural, buscando defini-la como um ser que é capaz de compreender e participar dos acontecimentos à sua volta, constituindo-se socialmente.

Essas e outras questões ainda serão mais discutidas e aprofundadas na dissertação que segue em construção e que também elencará outras importantes categorias de análise que abarcarão especificamente o trabalho do professor do AEE na educação infantil e como o trabalho é desenvolvido nesse contexto, análises que se entrelaçam com as concepções apresentadas nesse artigo e que contribuirão para a problematização das questões apontadas.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. 3. ed. São Paulo: Papyrus, 1999.

BAPTISTA, C. R. Ação pedagógica e educação especial: para além do aee. In: VI Seminário Nacional de Pesquisa em Educação Especial. **Prática Pedagógica na Educação Especial**: multiplicidade do atendimento educacional especializado. Serra/ES: UFES, UFGRS, UFSCar, 2011.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 4.ed. Brasília: Liber Livro, 2012.

KRAMER, S.; LEITE, I. **Infância**: fios e desafios da pesquisa. Campinas: Papyrus, 1997.

REGO, Teresa Cristina R. Educação, cultura e desenvolvimento: o que pensam os professores sobre as diferenças individuais. In: AQUINO, Julio G. (Org.) **Diferenças e preconceito na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998, p. 49-72.



XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI  
27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

SARMENTO, Manuel Jacinto; et al. **A escola e o trabalho em tempos cruzados**. In. PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto (Org.). *As crianças: contextos e identidades*. Braga: Bezerra, 1997.